# PLAYLIST

TAKE CARE | Beach House

WASH. | Bon Iver

FALLEN STAR | The Neighbourhood

WILLOW | Taylor Swift

SATURN | SZA

RYDER | Madison Beer

CRY BABY | The Neighbourhood

MATILDA | Harry Styles

BE MY BABY | The Ronettes

WHEREVER YOU GO | Beach House

MOONLIGHT | Chase Atlantic

STARGIRL INTERLUDE | The Weeknd, ft. Lana Del Ray

BE HONEST | Jorja Smith, ft. Burna Boy

LET THE LIGHT IN | Lana Del Ray, ft. Father John Misty

FADE INTO YOU | Mazzy Star

REDBONE | Childish Gambino

EVERYWHERE, EVERYTHING | Noah Kahan

REAL LOVE BABY | Father John Misty

LOVE GROWS (WHERE MY ROSEMARY GOES) | Edison Lighthouse

FOLDIN CLOTHES | J. Cole

*Tu és uma luz neste mundo,*
*não a desperdices com aqueles que não a conseguem ver.*
*Encontra as pessoas que conseguem.*

# 1 | ELIAS

## O MENINO DE OURO DOS TORONTO THUNDER MANTÉM O GELO FRIO E AS MULHERES QUENTES!

Ser o novato na NHL é tão mau como se espera que seja. Mas ser o novato na NHL que está constantemente a ser mencionado pelos *media* e ainda não marcou o primeiro golo da sua carreira é ainda pior.

O átrio do hotel tem uma seleção de revistas, mas a que está na mesa de centro tem o meu nome na capa. É uma fotografia desfocada de uma mulher a sair de um clube noturno, comigo atrás dela. A rara vez que consigo ser persuadido a celebrar uma vitória é quando me apanham com uma mulher. Se se dessem ao trabalho de pesquisar, saberiam que a mulher é a Brandy, a fotógrafa da equipa. Ofereci-lhe boleia para casa e não estava à espera que alguém tirasse fotografias.

Evitar festas e saídas não é algo que faça intencionalmente, mas é difícil celebrar algo em que não se participou. Prefiro rever os jogos e analisar os meus erros para descobrir o que me impede de marcar o primeiro golo. Por conseguinte, é exatamente isso que tenho planeado para esta noite.

Contudo, estamos em Dallas e eu ainda estou à espera no átrio do hotel que o meu quarto fique pronto. Apesar de saber que não o devia fazer, olho mais de perto para a revista e leio as letras pequenas.

## SERÁ QUE O WESTBROOK ESTÁ A PERDER-SE PARA A FAMA? OUTRA MÁ JOGADA PARA TORONTO?

— Sr. Westbrook?

Deixo cair a revista, como se tivesse sido apanhado a ler algo ilícito, e dirijo-me à receção. Quando agradeço pela chave ao porteiro, ele lança-me uma piscadela de olho não tão discreta que me deixa confuso. Ignorando a interação estranha, subo pelo elevador até ao quarto. Introduzindo o cartão-chave na porta, não perco tempo e dirijo-me diretamente para o banho.

A água quente acalma-me os músculos tensos das costas e os pensamentos acerca da revista estúpida. O vapor do banho sai atrás de mim, enquanto enrolo uma toalha à volta da cintura e passo outra pelo cabelo. Estava desejoso de me deitar e ver as notícias do último jogo, mas paro quando vejo o que está na minha cama. Ou melhor, *quem* está na minha cama.

*Mas que raio?*

Agarrando na toalha, dou alguns passos atrás.

— Desculpa, enganei-me no quarto?

Sei que não. Tenho a certeza disso porque a minha bagagem está apenas a meio metro. De repente, a piscadela de olho do porteiro faz sentido. A mulher tem o cabelo longo e loiro a cair em ondas à volta do rosto, os lábios vermelhos e os dentes perfeitos num sorriso. Está deitada na cama *king size*, vestida com um dos roupões fornecidos pelo hotel, com as embalagens de *snacks* meio comidas do minibar espalhadas pelos cobertores.

— A chave do quarto parece-me a certa. — O seu sorriso malicioso, enquanto ela se senta, deixa-me inquieto.

— Não sei bem de quem andas à procura, mas de certeza que não é de mim.

— Confia em mim — ela olha para cada centímetro do meu tronco, demorando-se nas gotas molhadas a escorregar pelo abdómen —, és mesmo tu, Eli.

Se isto é uma partida, vou matar os meus colegas de equipa.

— Pensei que quisesses celebrar a vitória desta noite — diz ela, dando um passo na minha direção.

A única razão para festejar é se marcar um golo e isso ainda não aconteceu. Dou vários passos para trás, em direção à porta.

— Tenho a certeza de que consegues encontrar alguém que esteja interessado.

Ela franze as sobrancelhas de uma forma que me confirma que nunca foi rejeitada.

A rejeição não a leva a vestir-se e a ir-se embora, como eu esperava. Por isso, viro-me e saio. No corredor, nu com exceção de uma toalha, dirijo-me diretamente para o quarto vizinho. Eu e o Aiden estamos apenas a alguns quartos de distância, uma vez que os novatos são emparelhados juntos, e espero que ele ainda esteja acordado.

O Aiden Crawford, o meu melhor amigo e colega de equipa, não é como eu. Ele marcou o primeiro golo da sua carreira quando entrou no gelo, logo no primeiro jogo. O segundo golo foi na noite seguinte, com uma assistência minha. Desde que se juntou aos Toronto Thunder, tem sido um exemplo a seguir e eu não podia estar mais orgulhoso. Mas o Aiden não é pessoa para dar uma festa por cada golo. As suas ambições vão além de um único jogo, uma motivação que ele tem desde que nos liderou como capitão de equipa na Universidade de Dalton.

Por isso, neste momento, espero que ele também tenha desistido de festejar, porque os hóspedes do hotel estão a passar pelo corredor e um deles parece ter um interesse particular no meu estado seminu. Se me reconhecerem, tenho a certeza de que serei filmado.

— Aiden! — Bato com mais força do que devia, ganhando ainda mais olhares quando a porta do elevador se abre para revelar outros hóspedes do hotel. *Fantástico*.

A meio de outra batida, a porta abre-se e o Aiden olha para mim com curiosidade.

— Que se passa?

Antes que eu possa explicar, o motivo da minha fuga sai do quarto, procurando-me pelo corredor.

— Aquilo. — Faço um gesto à rapariga e entro no quarto de hotel dele.

— Outra vez? — O Aiden ri-se, fechando a porta. Vejo o telemóvel na mão dele, com a namorada, a Summer, numa chamada de vídeo.

— Olá, Brooksy. — Ela acena para mim, através do ecrã, e eu aceno de volta, agarrando a toalha com mais força. Contudo, a Summer deve ser

imune, uma vez que ela já viu muito mais do que aquilo para o qual se inscreveu quando ela e o Aiden começaram a namorar, no início deste ano. Tornámo-nos grandes amigos e não há nada que eu não fizesse por ela.

— Precisas de segurança, amigo — diz o Aiden. — Tenho quase a certeza de que aquelas pessoas no corredor te tiraram uma fotografia.

Sento-me na cama dele e encosto a cabeça à cabeceira da cama, derrotado. Tudo o que eu sempre quis foi jogar hóquei profissional, mas agora parece que o sonho me está a escapar por entre os dedos. A atenção extra e as opiniões não me incomodariam se eu conseguisse livrar-me da pressão de que tenho de agir. É um peso que, convenientemente, me rouba a capacidade de fazer a única coisa em que sempre fui bom.

— O Eli acabou de nos interromper virtualmente? — pergunta a Summer.

O Aiden encolhe os ombros e sorri para o telemóvel.

— Continuo disponível, se tu também estiveres.

Resmungo. Seria de esperar que o facto de eles terem uma relação à distância me desse algum alívio em relação às suas demonstrações públicas de afeto.

— Acho que vou passar. — A Summer ri-se. — Diverte-te na festa do pijama!

Agarro a cabeça com as mãos.

— Como é que me hei de concentrar em jogar quando sei que isto é o que estará nas manchetes pela manhã?

O Aiden atira o telemóvel para cima da mesinha de cabeceira e lança-me um olhar de pena. Um olhar que ele faz sempre que algo estúpido como isto acontece.

— Tens uma sorte do caraças, amigo. Não consigo acreditar que as pessoas estejam a aceitar a história do «menino de ouro que virou mulherengo».

Numa reviravolta inesperada, um vídeo publicado pela equipa tornou-se viral. Eu tinha concordado hesitantemente em filmar um dia na vida de um novato da NHL e os fãs adoraram. Não sei se foram os erros que acharam cativantes, ou se a rotina de exercícios foi assim tão inspiradora. Mas assim que os *media* entenderam o que os fãs queriam, quiseram mais de mim. E quando, após dois jogos, continuei sem nada

na minha folha de estatísticas, as críticas começaram a sair. Atribuíam aos meus pais o facto de ter sido selecionado e desvalorizavam o meu talento, tudo isto em poucos dias. Passei de um novato cativante a um mulherengo rico cujo único objetivo era dar uma foda.

— A culpa é minha. Devia ter recusado a imprensa quando tive oportunidade. — Quando a equipa de redes sociais me abordou com ideias para mais conteúdos, eu podia ter recusado. Tendo eu pensado que iria beneficiar a minha imagem em vez de a prejudicar, concordei estupidamente.

— Eles ter-te-iam convencido a fazê-lo de qualquer maneira. Precisam que as pessoas estejam interessadas nos jogos, especialmente com a queda de audiência do ano passado.

Suspiro.

— O jogador de hóquei bonito que não sabe marcar golos. Essa será a próxima manchete.

— Já fizeste inúmeras assistências. Confia em mim, também vais conseguir um golo — garantiu ele. — Encontra algo que te deixe respirar. Algo que tire a pressão que estás a sentir.

— É fácil falar. Nem todos podemos ter uma Summer — murmuro.

Ele sorri.

— É verdade, mas os *media* só me deixam em paz por causa do pai dela. Ele era capaz de acabar com eles antes de poderem tentar alguma coisa.

O pai da Summer é muito importante para a NHL e ficámos todos muito impressionados quando o conhecemos no último Frozen Four.

— Talvez eu devesse sair com ele — sugiro.

O Aiden ri-se e atira-me uma camisola.

— Boa sorte com isso.

Quando estou a vestir a camisola, o telemóvel vibra com uma mensagem do treinador. É o seu sexto lembrete sobre o evento de amanhã. Temos de estar prontos para a licitação, uma vez que a equipa vai leiloar encontros com os jogadores.

— Vais à angariação de fundos amanhã? — pergunto ao Aiden.

— É obrigatório. Toda a organização dos Thunder vai lá estar — afirma ele.

Ótimo.

***

Esta manhã, o voo de regresso a Toronto foi mais tranquilo do que o previsto. Não estive envolto em nenhumas manchetes, nem recebi visitas surpresa de fãs. O hotel até pediu desculpa por ter deixado a mulher subir ao andar de cima, mas não tinham como saber, uma vez que ela se apresentou como minha noiva. Ao que parece, ela assiste a todos os jogos, seja em casa ou fora. A sua dedicação à causa seria louvável se não fosse tão arrepiante.

Sinto o colarinho da camisa a sufocar-me quando entramos no recinto.

— Relaxa, amigo. — O Aiden empurra-me, para que eu pare de puxar o colarinho. — São apenas algumas horas, depois podemos ir embora.

— Só estás a dizer isso porque não és tu que vais ser leiloado.

O leilão acontece todos os anos e, uma vez que as mulheres mais velhas são as que licitam, a equipa de relações públicas achou que seria ótimo incluir-me no leilão. Ou é isso ou alguma praxe para os novatos. O Aiden conseguiu safar-se, usando a namorada como desculpa.

— Eu protejo-te, mas fica a saber que vais fazer a avó de alguém muito feliz. — Ele sorri.

Reviro os olhos quando o treinador chega ao pé de mim, capaz de provocar pânico apenas com a sua presença.

— Westbrook. Tens um minuto? — Ele gesticula em direção ao bar.

Não é preciso ser um génio para perceber do que se trata.

Quando me junto a ele numa mesa, ele pousa o telemóvel, revelando um artigo e uma fotografia da rapariga de ontem à noite a sair do hotel de roupão, e a minha cara sob mais um título.

O NOVATO DOS TORONTO THUNDER É UM SAÍDO DA CASCA.

A sério? Será que é um estagiário quem escreve estes títulos?

— Não tenho o hábito de ler esta merda, mas quando o diretor-geral questiona o porquê de o novato ser visto a cobrir mais revistas do que gelo, não tenho escolha.

*Caraças*. O diretor-geral, o Marcus Smith-Beaumont, é do piorio. Se ele ouviu falar disto, tenho a certeza de que sou o assunto do conselho de administração — aqueles que decidem se eu valho o adiantamento que me pagaram.

Quando fui recrutado pela primeira vez, ouvi um rumor de que ele era contra a minha transferência para os Thunder. Não é uma norma recrutar dois jogadores da mesma universidade num ano, mas também não é propriamente inovador.

— Só deste mês, existem alguns artigos, se quiseres fazer uma leitura ligeira. — As palavras dele são menos zangadas do que deviam. Estou a manchar a imagem de um novato de equipa e a organização não deve estar contente com isso. — Outro escândalo e outro jogo sem golos. Não sei quantas reuniões de imprensa podemos controlar se coisas como esta continuarem a acontecer.

O *barman* oferece-me uma bebida, mas eu recuso.

— É tudo inventado. Não faço ideia do porquê de estarem a fazer as coisas desta maneira.

— Porque és popular. Aquele teu vídeo nas redes sociais foi viral e as pessoas querem mais. É uma ótima publicidade, mas não é boa para a tua carreira se te tornares o próximo *playboy*.

— Não é quem eu sou.

— Tenho a certeza disso, mas a única perceção que interessa à Liga é a dos adeptos. Tens de melhorar as tuas jogadas e manter os quartos de hotel vazios.

Passo a mão pelo cabelo, sentindo uma dor de cabeça a formar-se.

— Eu sei.

— Se conseguires marcar um golo, sou capaz de desvalorizar o que a imprensa anda a escrever sobre ti. Não faças a organização questionar-se se deveria ter-te contratado. És um jogador forte, Eli, isso sou capaz de garantir, mas não o consigo fazer a não ser que tu acompanhes o meu testemunho com provas.

Ele pega na bebida que eu tinha recusado, bebe-a de uma só vez e vai-se embora. O eco daquele conselho e o tilintar dos copos vazios circulam à minha volta. A pressão é esmagadora.

Se eu ficar aqui mais um segundo, a minha cabeça pode explodir. Não querendo cá ficar para descobrir, corro para as portas duplas, sinalizando ao Aiden que preciso de uma pausa.

E, talvez, uma solução para todos os meus problemas.

# 2 | SAGE

Uma bailarina completamente falida.

Até que soa bem.

— As audições realizar-se-ão de novo na primavera. Não precisamos de mais bailarinas secundárias. — O Aubrey Zimmerman atravessa as portas de vidro rotativas, numa correria.

No próximo *ano*? Perdi uma temporada inteira de dança. Um ano mais velha. Outra pilha de contas por pagar. Mais um ano perdido.

Uma bailarina falida e apagada.

Não é assim tão cativante.

— Sr. Zimmerman, vim fazer uma audição para ser a rainha dos cisnes.

Ou ele ouviu o desespero na minha voz, ou a afirmação foi tão desconcertante que o deteve no seu caminho. Concentro-me na parte de trás da sua cabeça careca, que brilha à luz do Sol. Ele não é propriamente velho, mas parece cansado para quem tem trinta e poucos anos. Acho que é isso que os anos gastos nesta indústria fazem a uma pessoa. Existem dias em que me sinto a meio caminho.

Quando ele se vira, tem os lábios numa curva que me faz inclinar a cabeça para a avaliar. Mas, depois disso, o que sai da sua boca faz-me baixar os ombros.

O Aubrey Zimmerman está a *rir-se* de mim.

— A rainha dos cisnes? Paraste o diretor artístico do Nova Ballet Theatre para *te* proclamares protagonista d'*O Lago dos Cisnes*?

Bem, quando ele o diz, parece risível. Contudo, mesmo com o desdém a escorrer-lhe das palavras, mantenho-me firme. Demorei três horas para chegar a esta audição. *Três*. O homem sentado ao meu lado no autocarro estava constipado e tenho a certeza de que apanhei a tal constipação quando ele espirrou para cima de mim. Como se fosse a deixa, um arrepio percorre-me a espinha, embora possa ter sido por causa do olhar rijo do Zimmerman.

— Sim — guincho. Espero que a minha postura seja suficiente para fingir confiança, porque a minha expressão desceu até às profundezas do Inferno.

Ele ri-se.

— Quando começar a receber ordens de pessoas sem importância, eu aviso-te. Mas obrigado pela gargalhada. Estava mesmo a precisar disso.

O Zimmerman atende o telemóvel, dispensando-me enquanto murmura qualquer coisa sobre nunca voltar a fazer audições na zona reles de Ontário. Huntsville era a única cidade com audições abertas porque as de Toronto são só para convidados, por isso cheguei duas horas antes, mas tive de esperar na fila interminável que dava a volta ao edifício. Quando cheguei à porta, as audições tinham terminado mais cedo. Não se deram ao trabalho de oferecer ao resto das pessoas outra hora de audição.

A irritação aquece-me as entranhas quando vejo a sua figura a desaparecer. A cabeça careca e os ombros direitos ficam gravados na minha memória. Pelo menos o meu demónio da paralisia do sono ganhou uma silhueta nova.

Alguns transeuntes lançam-me olhares de pena que só pioram a minha situação. É o mesmo olhar que recebi lá dentro, da assistente do realizador.

Nada a convenceu a deixar-me fazer a audição, nem mesmo o relato da minha deslocação terrível e muito menos a história de infância sobre o meu amor pelo *ballet*. Foi com essa história que consegui participar num espetáculo de inverno, no ano passado, e esperava que funcionasse de novo. Só que esse espetáculo foi apresentado em escolas secundárias e faculdades. Não era exatamente uma produção complexa.

— Desculpa. — Uma voz afasta-me dos meus pensamentos e viro-me para uma mulher vestida com um *blazer* e uma saia, que me acena. — Acho que deixaste cair isto — diz ela, segurando uma folha de papel.

Tiro-lhe o papel da mão e vejo o meu nome no topo, em letras familiares e a negrito.

— É o meu currículo. A assistente disse-me que podia deixá-lo na receção.

Lá estava ele outra vez, aquele olhar de pena.

— Encontrei-o no chão, junto ao caixote da reciclagem — diz ela.

As suas palavras atingem-me o coração como uma lâmina de barbear. Deixo escapar um meio gemido e faço um sorriso para a distrair da força com que agarro o currículo.

— Sabes — sussurra ela, olhando cautelosamente para o que nos rodeia. — O teatro faz estas audições apenas como uma formalidade. Nesta temporada, a maioria das bailarinas que eles contratam têm muitos seguidores nas redes sociais.

Abro a boca, em choque. Estão a selecionar bailarinas com base na popularidade? Como é que isso é ético?

— Pareces ser uma bailarina determinada, por isso, quis avisar-te — diz ela, antes de entrar a correr.

O aviso só consegue aumentar o sentimento de desgraça que sinto nas entranhas. Os meus noventa e três seguidores são uns trocos. Se a contratação se baseia na popularidade, nunca me vão considerar para o papel. O desespero apodera-se de mim quando atiro o currículo amarrotado para o lixo e me dirijo para a estação de comboios, segurando as lágrimas que irei certamente libertar esta noite, durante o banho. Só quando o telemóvel toca é que me liberto de tais pensamentos deprimentes.

— Tenho um trabalho de última hora para ti. — A voz do meu tio filtra-se pelo altifalante.

— É para tomar conta dos filhos dos teus jogadores? Eles são fofos, mas um mordeu-me e ainda tenho uma cicatriz no dedo.

Depois da pós-graduação, estava desesperada por um emprego, mas recebi uma chapada de luva branca nada suave quando percebi que nem mesmo um diploma de Gestão me poderia dar uma carreira neste mercado de trabalho. Viva a educação universitária!

Por isso, o meu tio, que trabalha para a NHL, fez-me algumas ofertas para ajudar a equipa de hóquei durante a época regular. Incluindo *baby-sitting*, *dog-sitting*, e a única vez que cozinhei para a equipa no ano passado.

Nunca mais me pediram para cozinhar.

— Desta vez, não. — Ele ri-se. — Esta noite, precisamos de uma dançarina para a angariação de fundos. Tivemos uma desistência de última hora e pensei que gostarias de um trabalho onde pudesses fazer o que gostas.

O tio sempre me apoiou na carreira de *ballet*. Quando era mais nova, costumava ter medo de olhar para a multidão por não ter os meus pais a torcer por mim, mas ele estava sempre lá.

— Obrigada, mas não me sinto muito motivada…

— São mil dólares por uma atuação de trinta minutos.

Sinto a garganta ficar seca e as palavras presas. São *três* zeros por meia hora do meu tempo? Sinto-me desanimada, não estúpida.

— Eu aceito.

Atualmente, a minha única fonte de rendimento são as aulas de *ballet* que dou perto da universidade. Mas mesmo *isso* não me dá uma carreira muito estável, porque as inscrições para as minhas aulas são vergonhosamente baixas. Para quê ter uma solista eterna a dar aulas aos teus filhos quando podes ter professores experientes que já tiveram vários papéis principais?

— Eu mando-te a morada por SMS.

Localizo o Uber mais próximo porque a viagem de autocarro de três horas não seria suficiente para esta noite. Além disso, o dinheiro que vou ganhar será suficiente para justificar esta viagem.

Nota para mim mesma: Uma situação má não tem de se tornar um dia mau.

* * *

Horas depois, estou imersa nos sussurros dos bastidores e nos ensaios de última hora, e dou por mim a largar o peso da rejeição do dia juntamente com a minha roupa. Assim que visto o maiô e as sapatilhas de ponta, sinto um formigueiro a eletrificar-me o corpo, enquanto espero pela minha deixa.

As primeiras notas delicadas do *Boléro*, do Ravel, chegam-me aos ouvidos enquanto sigo os outros bailarinos até ao palco e encontro a minha posição atrás da segunda fila. As silhuetas do público são visíveis sob as luzes brilhantes que brilham no palco de madeira polida e, sem mais nem menos, sou absorvida pela única coisa que nunca deixa de me ajudar a escapar. Os meus pensamentos desaparecem como névoa quando deslizo numa formação perfeita com os outros dançarinos, espelhando cada passo tal como o aprendi há apenas uma hora.

Tenho um talento peculiar para reproduzir danças rapidamente e essa é provavelmente a razão pela qual o tio estava tão confiante de que eu poderia substituir a desistente de última hora. A minha atenção está na música, mas o olhar vagueia pela audiência para o ver. Talvez seja a menina de oito anos que há em mim, mas quando vejo o tio à esquerda do palco, suficientemente perto para que as luzes brilhantes não o bloqueiem, sorrio.

O grupo converge para um quadro e, à medida que o final se aproxima, mergulhamos em grandes *jetés* e saltos, o palco é uma mistura de *tutus* rodopiantes e bailarinas equilibradas. O aplauso traz-me de volta à realidade e, algures, de alguma forma, espero que o Aubrey Zimmerman saiba que não vou desistir facilmente.

Quando as cortinas se fecham, palavras de encorajamento e cumprimentos voam à volta do grupo, dando-me o mesmo entusiasmo que senti aos oito anos, quando descobri o *ballet*.

Até então, a minha única preocupação era garantir que as tarefas domésticas estavam concluídas e que o meu irmão mais novo, o Sean, tinha tudo o que precisava. Acho que esse sentimento de responsabilidade vem com a maturidade para a idade. Pelo menos, foi isso que todos os adultos que conheci me disseram. Em breve, começamos a perceber que isso não é um elogio. É uma maldição.

Mas a única coisa que nunca será uma maldição é o *ballet*.

Quando era mais nova, a ida à loja de conveniência perto de casa era o ponto alto dos meus domingos, mas tornou-se o início do resto da minha vida. O balcão da caixa estava cheio de revistas com caras famosas e mexericos suficientemente selvagens para escandalizar avós, mas, naquele dia em particular, apenas uma se destacava. Por baixo do pó e

dos rebordos desgastados da capa de plástico, vi um cartaz. *O* cartaz. A Misty Copeland estava na capa da mais recente produção d'*O Lago dos Cisnes*, elegante e bonita como sempre. Soube então que, fosse ela quem fosse e fizesse o que fizesse, eu queria ser como ela.

O póster continua pendurado na minha parede.

— Sage! — Viro-me e encontro o meu tio a subir os degraus dos bastidores. — Se continuas a dançar assim, de certeza de que te contratam a tempo inteiro.

Abano a cabeça.

— Não vou roubar o emprego da pobre rapariga, tio Marcus.

— Posso puxar uns cordelinhos — oferece ele, com um vislumbre de esperança nos olhos, tal como de todas as vezes que tentou ajudar-me. Toda a minha vida, o tio sentiu-se obrigado a cuidar de mim e do meu irmão, mas recusei sempre. Nós não somos problema dele e não quero que ele nos veja como tal.

— As audições estão a correr bem. Em breve, hei de garantir o meu lugar no NBT — minto.

O sorriso dele não chega aos olhos.

— Nunca duvidei de ti, nem por um segundo. — O telemóvel vibra antes de ele o silenciar. — Vai mudar de roupa, enquanto te trago alguma comida.

Dou-lhe um aperto de mão rápido, antes de ir para os bastidores.

Depois de mudar de roupa para a angariação de fundos, encontro um prato à minha espera na mesa do tio, cheio de todas as minhas comidas favoritas. Só quando estou a comer o segundo prato é que me lembro de que tenho de ligar ao Sean.

O meu irmão mais novo está a estudar num colégio interno, a algumas horas de distância. Tem sido uma adaptação difícil, mas prometi ligar-lhe todas as noites. Saio da mesa e tento encontrar um canto sossegado, mas com o leilão a começar, é impossível.

Lá fora, a chuva traz uma brisa que me refresca a pele no vestido de seda preto. É o único vestido bonito que tenho, por isso, fiz questão de o trazer quando vim para cá esta noite. Ninguém precisa de saber que também foi o meu vestido do baile de finalistas. E o de formatura.

O telemóvel toca algumas vezes, antes de ser enviada para o *voice--mail*. Não consigo evitar a desilusão que me atravessa o coração. Já são dois dias sem falarmos e, nas duas vezes, foi por causa da minha agenda de merda. Em vez disso, envio-lhe uma mensagem de texto.

Será que sou a pior irmã de sempre? Prometo que amanhã ligo mais cedo. Tenho saudades tuas, miúdo.

Fico a olhar para o céu escuro e tento não ter pena de mim própria. É então que reparo num casal a discutir, a um canto. A proximidade sugere que estão a ter uma conversa íntima, mas o homem afasta-se, com uma postura rígida e pouco acolhedora.

— Não estou interessado — diz ele.

É assertivo, mas não o suficiente para afastar a rapariga. Ela está completamente alheia à atitude retraída dele.

Com certeza, não são um casal.

— Mas vais estar — diz ela, com determinação na voz.

— Ouve… Lana, não é? — Ela deve acenar com a cabeça, porque ele continua. — Tu pareces ser uma boa rapariga, mas eu não te conheço. Apareceres no meu quarto de hotel e em eventos de trabalho não te vai ajudar.

Ela ri-se. É uma gargalhada bonita e suave que a maioria dos rapazes provavelmente adoraria, mas ele fica ali parado como uma estátua. O fato escuro sugere que trabalha com os Toronto Thunder, mas a altura e o físico seriam desperdiçados se não fosse um atleta.

— Só consigo participar nos teus joguinhos até um certo ponto — ronrona ela. Esta rapariga não consegue perceber a dica.

— Esse jogo inclui aparecer nua para me emboscar num quarto de hotel?

Arregalo os olhos e sufoco um suspiro, sentindo-me tensa ao escutar esta conversa vergonhosa.

No entanto, a Lana não deve sentir isso, porque troça do que ele diz.

— Estás a recusar-me?

*Sim!* Apanho a palavra antes de a deixar escapar pelos lábios, mal me contendo para não interferir. Contudo, quando ela inclina a cabeça e descai os ombros, sinto-me a caminhar para a frente.

O confronto não é claramente o forte dele. Felizmente para ele, é o meu.

Contudo, as portas duplas abrem-se e sai um empregado vestido de preto, com um auricular, aos berros.

— Eli, entras em cinco minutos — diz ele, acenando-lhe para entrar.

Eu paro e o *Eli* solta um suspiro de alívio, antes de passar pela mulher. Ele olha para a minha figura congelada, demorando-se um segundo, como se tivesse percebido que eu estive a ouvir o tempo todo, antes de desaparecer para dentro. A Lana observa a sua retirada com um fogo nos olhos e, quando pousa o olhar no meu, eu giro e passo pelas portas também.

Quando volto a sentar-me no meu lugar, o leilão já tinha começado e o tio desculpa-se para ir à casa de banho. Olho para a direita e engasgo-me com a minha própria saliva.

O Aiden Crawford está sentado na minha mesa — ou *eu* estou sentada na mesa dele. De qualquer forma, sinto-me a enlouquecer. Não por mim, mas pelo Sean, porque ele vai passar-se quando eu lhe contar isto. Não presto muita atenção ao hóquei, mas pelos elogios do tio ao Aiden Crawford e pela camisola com o nome dele que o Sean quer para o aniversário, sei que ele é importante.

— Estás bem? — A sua voz grave obriga-me a olhar de novo para ele, mas vejo-o a estender um copo de água.

Aceno-lhe, com um pouco de vigor a mais e bebo a água para me esconder atrás do copo.

— És a Sage, certo? O Marcus disse-nos que a sobrinha dele ia atuar esta noite. Eu sou o Aiden.

Aperto-lhe a mão estendida, tentando aclarar a garganta.

— O meu irmão é um grande fã.

— Sim? — Ele sorri. — Eu consigo… *merda*!

Levanto a cabeça e, quando olho para o Aiden, ele tem os olhos fixos atrás de mim. Seguindo o seu olhar, vejo a Lana, a rapariga lá de fora, a segurar uma raquete de licitação e parecendo mais feliz do que há alguns minutos.

A voz do leiloeiro chama-me a atenção para o palco.

— A seguir, pessoal, temos um encontro com o defesa dos Toronto Thunder, o Elias Westbrook. Preparem as vossas raquetes de licitação e vamos ver quem será a vencedora sortuda!

Fico chocada ao ver o rapaz lá de fora, em pé no palco, com o maxilar cerrado e a postura rígida. É seguro dizer que ele não se inscreveu de livre vontade.

A voz do leiloeiro atravessa o salão, alta de excitação.

— Que comece a licitação… quem está pronto para uma noite inesquecível com o Elias?

— Sage? Que achas de me fazeres um favor? — diz o Aiden, de repente.

Afasto o olhar do Elias, para encontrar o sorriso envergonhado do Aiden. Que favor poderia eu fazer ao Aiden Crawford?

— Depende do que for — digo cautelosamente.

— Isto vai parecer loucura, mas preciso que venças a oferta dela. — O Aiden aponta para a Lana e arregalo os olhos. Ele dá-me uma raquete e escreve algo no telemóvel, antes de me mostrar. É uma soma. Uma soma enorme.

— E… Eu… — gaguejo, estupefacta. No entanto, o pedido é sensato, tendo em conta o que vi lá fora.

Ele fixa os olhos verdes nos meus.

— Ouve, eu prometi ao Eli que o protegia e aquela rapariga não pode ganhar o encontro com ele. Ela…

— Emboscou-o no quarto de hotel? — digo, e ele faz uma pausa. — Eu ouvi-os lá fora — esclareço.

Os seus ombros tensos relaxam.

— Ótimo, nesse caso, sabes que não seria bom ela ganhar. Eu era capaz de pagar, mas como faço parte da organização, não posso licitar. Podes fazê-lo tu? — pergunta ele, outra vez.

Movo a raquete, quando a Lana grita:

— Dois mil!

Ela disse *dois*? Como em *dois mil dólares*? A quantia que o Aiden datilografou é agora mais compreensível. No entanto, não tenho a certeza de conseguir mover a boca para desempenhar a função motora necessária para dizer esse número em voz alta.

Noutra mesa, duas mulheres mais velhas sussurram, de raquetes na mão, como se estivessem a preparar-se para a guerra.

— Dois mil e duzentos — alguém interrompe.

Uma gota de alívio arrefece-me o pânico quando me viro para o Aiden.

— Se calhar, outra pessoa pode fazer uma oferta melhor do que a dela. Ele parece muito popular — digo, desesperada por escapar da situação.

O Aiden acena com a cabeça.

— Espero que sim, mas se não, preciso que licites.

— Dois mil e quinhentos — grita uma mulher, apenas para outras duas, igualmente ansiosas, aumentarem a quantia. Fico boquiaberta e sinto as palmas suadas quando percebo que vou ter de erguer a raquete muito em breve.

O leiloeiro repete o número, com os olhos a perscrutar a sala à procura de mais.

— Dois mil e oitocentos. — A voz suave da Lana transporta uma autoridade que leva a que as mulheres demasiado ansiosas se afastem. *Oh.*

— Uau! Dois mil e oitocentos dólares, senhoras e senhores. Podemos superar esta quantia?

O Elias tem um ar confiante, o cabelo escuro perfeitamente penteado e o físico musculado envolto num fato caro. Não é mistério nenhum o porquê de estas mulheres estarem a gastar cerca de dois mil dólares por um jantar com ele.

No entanto, não consigo ignorar o aperto subtil no seu corpo, enquanto a tensão irradia dele em ondas. Ele é capaz de olhar para a frente, fazendo o seu melhor para não cruzar olhares com uma Lana muito presunçosa.

— E vai uma…

O Aiden toca-me na raquete e eu engulo em seco, tentando pensar numa desculpa.

— Eu nem sequer o conheço — sussurro.

— E vão duas…

— Por favor? — O Aiden dirigi-me um sorriso matador de dentes retos que me faz morder o lábio, em contemplação. Caraças, ele é bom.

Suspiro, sabendo que o Sean me iria repreender por me recusar a ajudar o seu ídolo. Ergo o braço.

— Cinco mil!

O Elias Westbrook vira a cabeça para trás, para olhar para mim. Forço um sorriso vacilante enquanto mais pessoas olham na minha direção, mas não consigo desviar o olhar dos olhos castanhos profundos que me observam com curiosidade e uma pitada de respeito.

O leiloeiro dá três voltas à sala, antes de bater o martelo.

— E vendido à bela mulher de preto!

Ganhei. Merda, eu *ganhei*.

# 3 | ELIAS

Ela não é a avó de ninguém.

O Aiden dá-me uma pancadinha quando saio do palco.

— Portei-me bem, não foi?

*Bem?*

Ela tem o cabelo castanho preso num carrapito, com um caracol solto a emoldurar o rosto em forma de coração e os olhos cor de avelã. Olha de relance para a sala, como se se sentisse deslocada — já somos dois — enquanto morde o lábio inferior. Desvio o olhar para o tecido sedoso do seu vestido preto, sustentado por duas alças finas e pela sua postura perfeita.

Nunca tinha reparado nisso numa rapariga, mas a posição vertical acentua o comprimento do seu pescoço e fá-la parecer graciosa mesmo quando está sentada.

Depois, ela olha para mim, com os olhos brilhantes, e eu desvio o olhar. Em primeiro lugar, eu nem devia estar a olhar.

Passaram quatro anos, talvez cinco, desde que alguém me chamou a atenção e esta rapariga, perfeitamente adequada, não devia ser a única a captar a minha atenção tão facilmente. Ninguém desafia as regras que eu tenho para mim, nem mesmo durante a faculdade, onde vivi praticamente numa casa de festas. No entanto, continuo a sentir a boca seca.

— Não conseguiste encontrar mais ninguém?

O Aiden bufa.

— Se te estás a queixar, posso chamar a tua admiradora não tão secreta.

Abano a cabeça, sem querer olhar para o sítio onde a Lana deve estar a bufar.

— Devias agradecer-lhe. Ela fez-te um favor — lembra-me ele.

Com relutância, dirijo-me para a mesa dela, com o coração aos saltos. É então que o Marcus Smith-Beaumont desliza para a cadeira ao lado dela, lhe entrega uma fatia de bolo e eu paro.

Não é possível que eu tenha conseguido um encontro com a única pessoa que parece conhecer o homem que despreza a minha existência. Durante o evento, tenho conseguido esquivar-me dele e, depois do sermão que o treinador me deu há uma hora, sei que se o Marcus Smith-Beaumont me vir, vou levar outro. Com ele, não vou receber um aviso gentil.

Girando, dirijo-me diretamente para o terraço, mas sou impedido pelo guarda-redes, o Socket, que está agora a sair do palco depois de ter sido convidado a subir depois de mim. Há uma mulher idosa no meio da multidão que olha para ele ansiosamente e acho que deve ser a sua acompanhante, quando ele lhe acena e pisca o olho.

— Para onde vais, Westbrook?

Aclaro a garganta.

— Buscar uma bebida.

Ele levanta uma sobrancelha, mas felizmente não me questiona, e eu saio para apanhar ar. O empregado vem com um tabuleiro de bebidas e opto por água. Preciso de algo para arrefecer o que quer que esteja a acontecer às minhas entranhas.

Estou a bebericar a água gelada, com os braços encostados ao balcão, quando me batem no ombro. Viro-me para a mesma cabeça de cabelo castanho, o mesmo rosto em forma de coração, os mesmos olhos cor de avelã que me chamaram a atenção anteriormente.

Ela sorri.

— Olá, chamo-me Sage Beaumont.

Beaumont? Bolas, o Marcus é o *pai* dela? Eu vou matar o Aiden.

Fico a olhar para a sua mão estendida, como se ela tivesse algum tipo de doença, mas ela mantém-se ali durante um período de tempo estranho, à espera de que eu a aceite.

— Queres antes dar um mais cinco? — oferece ela, elevando os dedos. Como se eu tivesse cinco anos e ainda não tivesse aprendido a dar um aperto de mão, embora provavelmente seja o que parece pela minha linguagem corporal reservada. Ainda não consegui virar-me completamente para ela, tendo o tronco torcido de forma estranha. Também acho que as minhas palavras estão presas algures na garganta.

O meu agente, o Mason, deve ter-me seguido porque vem em meu auxílio antes de eu conseguir encontrar a minha voz. Ele está a observar a Sage, calculando e avaliando-a.

— Sou o Mason, e tu és?

O sorriso dela evapora-se, quando olha para nós.

— A sério? Precisas do teu assistente para falar comigo?

O Mason dá um passo à frente.

— Sou o agente dele, na verdade.

O seu escárnio é de descrença.

— Nesse caso, Mason, podes dizer ao teu cliente que não o fiz por ele? — começa ela. — O amigo dele pediu-me e o meu irmão mais novo é um grande fã do Crawford. Por isso, não me deves nada, especialmente um encontro, Elias.

As palavras dela são afiadas, mas a forma como ela diz o meu nome é um dardo a acertar no alvo. Ninguém me chama Elias, nem os meus amigos, nem os fãs, e muito menos alguém que acabou de me conhecer.

— É Eli.

Ela para, virando-se para olhar para mim.

— Ele fala! Houve um milagre — exclama ela. — Bem, Mason, parece que estás sem emprego.

O Mason não se ri, mas eu rio-me. Ele lança-me um olhar pouco impressionado, depois outro à Sage, e vira-se para sair. Acho que declarou a ameaça como sendo neutralizada, porque a Sage não parece ser o tipo de mulher que me vai pôr numa manchete amanhã de manhã.

— Obrigado — digo, por fim.

— Não é preciso. Não o fiz por ti, lembras-te?

Quando ela se vai embora, sinto-me um idiota.

— Mas ainda te devo um encontro. — Não sei bem o porquê de o dizer e ela deve estar a pensar o mesmo, porque franze as sobrancelhas em confusão.

Deu-me uma saída perfeita há alguns segundos, mas não quero que ela pense que sou um idiota — não só porque tenho medo do Marcus, mas porque ela fez uma boa ação por mim.

— Não, obrigada. Não gosto muito de jogadores de hóquei e tu acabaste de me lembrar porquê. — As palavras dela são doces, mas o insulto atinge-me da mesma forma.

— Já andaste com um jogador de hóquei?

— Quem me dera não o ter feito — murmura ela. — Estás safo.

— Mas é para caridade. — *Porque é que estou a insistir nisto?*

A sua paciência parece uma corda gasta, mas ela cede.

— Está bem, podes guardar o teu número no meu telemóvel.

Com o telemóvel dela na minha mão, percebo que estou em apuros, mas guardo o número na mesma.

— Vemo-nos por aí, Elias. — Desta vez não a corrijo e ela desaparece lá dentro.

Para escapar à sensação de estar a roer as entranhas, pego no telemóvel e vejo-o cheio de mensagens na conversa de grupo. Deixar a faculdade pela NHL foi uma mudança enorme, mas como eu e o Aiden assinámos contrato com os Thunder em novembro, tivemos tempo de terminar os cursos um mês antes do fim do semestre da primavera, tendo deixado Dalton há algumas semanas. Contudo, não parece, por causa de todas as mensagens que recebemos dos nossos amigos que continuam em Dalton.

### Patrulha dos Coelhinhos

**Dylan Donovan:** Outra rapariga no quarto de hotel do Eli? Estou impressionado.

**Aiden Crawford:** Ele não está nada contente.

**Kian Ishida:** Ninguém entra à socapa no quarto de hotel do Aiden.

**Dylan Donovan**: Provavelmente porque têm medo da Summer.

**Kian Ishida:** Eu não me importo. As fãs do Eli encontraram a minha conta.

**Dylan Donovan:** O Kian nunca teve tantas mulheres nas DM. Ouvi-o a rir-se ontem à noite.

**Aiden Crawford:** Ótimo. Ele pode parar de passar todos os minutos livres a mandar mensagens à minha namorada.
**Kian Ishida:** Para tua informação, a Sunny era minha amiga antes de ser tua namorada.
**Dylan Donovan:** Quem é que vota a favor do regresso da Patrulha dos Coelhinhos 2.0?
**Sebastian Hayes:** Sim
**Cole Carter:** Sim
**Aiden Crawford:** Sim
**Eli Westbrook:** Sim
**Kian Ishida:** Agora respondes?!

Quando o Kian descobriu que tínhamos um grupo sem ele — ideia do Dylan, a que chamámos Patrulha dos Coelhinhos 2.0 —, ele fez birra, por isso apagámo-lo e prometemos nunca mais fazer outro.

O Dylan e o Kian são finalistas não recrutados, o que significa que, para evitarem ser agentes livres, estão a levar o seu tempo para terminar os cursos até ao final do ano. Nenhum deles definiu onde vai jogar hóquei depois disso — ou se vão jogar. O Sebastian e o Cole são juniores e, além do hóquei e das festas, não se concentram em mais nada, o que é a norma para os jogadores de hóquei da NCAA.

O gelo no copo de água derreteu, durante o tempo que estive aqui fora, por isso, quando volto para dentro para orquestrar uma fuga, recebo uma mensagem do banco.

A transferência mensal de dinheiro foi efetuada com sucesso para a respetiva conta e o nome que aparece no ecrã aumenta o peso que sinto nos ombros. Não é o dinheiro que me incomoda, é a lembrança da pessoa que o recebe que me dá uma gota de pavor no estômago. Esse pavor escurece com a culpa quando leio as mensagens de encorajamento dos meus pais, depois do jogo de ontem à noite. Mais uma assistência fácil e nada de que me orgulhe, mas eles aplaudiram-me como se eu tivesse ganhado sozinho a Taça Stanley.

Os meus pais têm sido ótimos a não seguir o que é dito nos tabloides, por isso não me preocupo com o facto de verem algo nefasto. Quando surgiram as primeiras manchetes difamatórias, ligaram-me de imediato

e eu tive de explicar que era a imprensa a tentar sensacionalizar-me. Foi uma chamada vergonhosa, mas é melhor do que fazê-los acreditar que andei com metade de Toronto nas poucas semanas que cá estou.

Quando chega outra mensagem de texto, é do Aiden, a dizer-me que está na altura de ir embora. Não perco nem mais um segundo e dirijo-me diretamente para as portas.